

# SEQUÊNCIAS VOCÁLICAS E O ACENTO DE PALAVRA DO PORTUGUÊS

VANESSA MEIRELES<sup>1</sup>

## 1. INTRODUÇÃO

Neste artigo, pretende-se mostrar uma análise do acento de palavra em Português, envolvendo sequências vocálicas em que uma das vogais é alta, à luz do quadro teórico da Fonologia CVCV (LOWENSTAMM, 1996; SCHEER, 1998, 2004, 2014).

Meireles (2014a, 2014b) apresenta uma análise sobre o acento em formas nominais em Português no quadro desta teoria. Neste artigo, vamos expor mais detalhadamente como a proposta se aplica a duas sequências vocálicas específicas: (1) vogal + vogal alta.σ e (2) vogal alta + vogal#), como em *aula* e *história* por exemplo, consideradas tradicionalmente como palavra paroxítona e proparoxítona respectivamente. Para esta última, evoca-se com frequência a realização paro-

---

<sup>1</sup> Este artigo é dedicado à professora Dra. Sílvia Figueiredo Brandão. Foi durante suas aulas ministradas na graduação da UFRJ que nasceu meu interesse pela Linguística e pela Fonologia em particular. A oportunidade que me ofereceu de realizar uma iniciação científica, sob sua excelente orientação, despertou meu interesse pela pesquisa e o desejo de perseverar na mesma área de estudo. Agradeço imensamente pelo seu incentivo, conselhos e disponibilidade mesmo à distância até a obtenção do meu título de doutora pela Universidade de Paris 8.

xítona<sup>2</sup>. Na proposta que vamos expor, trata-se em ambos os contextos de palavras proparoxítonas fonológicas, realizadas como paroxítonas ao nível fonético.

Vamos lembrar rapidamente as principais características do acento em Português e em seguida mostrar como a teoria fonológica escolhida dá conta de fenômenos acentuais do Português. Finalmente, veremos o tratamento das sequências vocálicas especificadas.

## 2. GENERALIDADES SOBRE O ACENTO DE PALAVRA EM PORTUGUÊS E A TEORIA CVCV

Na Língua Portuguesa, o acento pode cair em uma das três últimas sílabas da palavra: na última (oxítonas), penúltima (paroxítonas, mais frequentes) e antepenúltima (proparoxítonas), mas há algumas peculiaridades. As palavras oxítonas que terminam por vogal são menos numerosas do que as que terminam por consoante. Em relação aos paroxítonos, o caso mais frequente são as palavras terminadas por vogal. As proparoxítonas, o grupo mais raro, tendem a tornar-se paroxítonas.

O fato de que a maior parte das palavras terminadas por consoante são oxítonas e as terminadas por vogal paroxítona parece indicar que o Português é sensível ao peso silábico. Entretanto, este é um ponto controvertido na literatura sobre o assunto.

A posição do acento é previsível na maior parte das palavras de acordo com a estrutura fonológica. Algumas informações morfológicas também podem ser pertinentes (como certos sufixos e sobretudo o acento dos verbos).

Dentro da teoria CVCV, a sílaba tem dois constituintes, C e V, não havendo ramificações como ataques e núcleos complexos ou codas. Todas as sílabas mais complexas que CV são reduzidas a uma configuração CV admitindo-se a existência de posições vazias:

(1)	Sílaba fechada	Reanálise
	[CVC] [CV]	[CV] [CV] [CV]
	t a k t i	t a k t i

<sup>2</sup> Segundo Cunha; Cintra (1985), esses encontros vocálicos podem ser pronunciados em hiato, com separação dos dois elementos vocálicos, ou seja, em palavras proparoxítonas, ou como ditongos crescentes tornando a palavra paroxítona. Outras análises discordam quanto à uma real variação fonética entre hiato e ditongo crescente nesse contexto, como Camara Jr. (1970) e Mateus; D'Andrade (2000), já que o ditongo crescente parece ser a realização mais frequente, possivelmente categórica.

(2)	Consoante geminada	Reanálise
	[CVC] [CV]	[CV] [CV] [CV]
	∨	∨
	ba t a	ba t a
(3)	Vogal longa	Reanálise
	[CVV]	[CV] [CV] [CV]
	∨	∨
	b a	b a

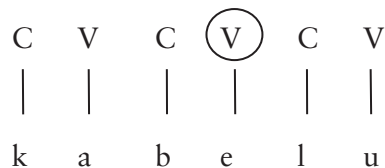
De acordo com essa teoria, apenas posições vocálicas podem contar para a atribuição do acento (e não moras, sílabas ou pés como em outras teorias). Vejamos então como esta teoria dá conta do acento em Português.

A maior parte das palavras terminadas por vogal são paroxítonas em Português, e a maior parte das oxítonas são terminadas por consoante, ou seja, têm uma posição V final vazia. Em CVCV, o que conta para o acento são as posições vocálicas preenchidas ou não. Reformulando então essa regularidade do Português, podemos dizer que *o acento previsível em Português cai na penúltima posição vocálica*. As exceções devem ser marcadas lexicalmente.

Desta forma, em termos de CVCV, os paroxítonos não marcados como em (1a) recebem o acento na penúltima posição vocálica:

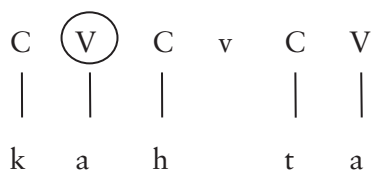
### **Palavras paroxítonas em CVCV**

a) *cabelo* [ka'belu]



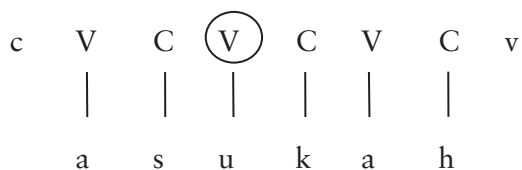
Note-se que, em alguns casos, certas palavras paroxítonas ao nível fonético são proparoxítonas fonológicos em CVCV, isto é, acentuadas na antepenúltima posição V, como é o caso em (1b):

b) *carta* ['kahta]



Na palavra *carta*, o acento não pode cair na penúltima posição V porque ela é vazia. O acento cai então na antepenúltima posição vocálica. Neste sentido, palavras como *carta* receberiam o acento na antepenúltima posição V assim como os paroxítonos marcados como *açúcar* ou *revólver*, com uma última sílaba pesada:

c) *açúcar* [a'sukah]

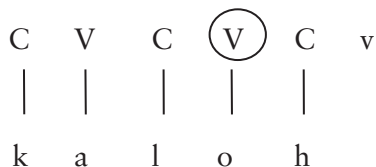


O fato de que palavras como *carta* e *açúcar* tenham a mesma representação fonológica parece causar um problema: *carta* não é sentida como marcada, como é o caso de *açúcar*. A diferença seria que em *carta* o acento não pode cair na penúltima posição vocálica, já que ela está vazia. O acento cai então na próxima posição vocálica associada a uma melodia. Já na palavra *açúcar*, a posição ideal para o acento, ou seja, a penúltima posição vocálica, está preenchida e apesar disto o acento cai na antepenúltima sílaba. Isto poderia explicar porque *açúcar* é sentido como um padrão acentual marcado, mas não *carta*. O acento em *açúcar* deve ser marcado lexicalmente como exceção.

Os oxítonos não marcados também recebem o acento na penúltima posição vocálica:

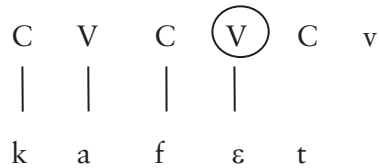
### **Palavras oxítonas em CVCV**

a) calor [ka'loh]



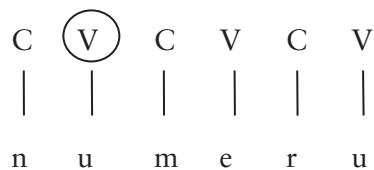
O caso dos oxítonos marcados, terminados por vogal, podem ser justificados pela presença de uma consoante subjacente, atestada em palavras derivadas: *café*, *cafeteira* (cf. também BISOL, 1992):

b) café [ka'fɛ]



As palavras proparoxítonas escapam à generalização segundo a qual o acento cai na penúltima posição vocálica e devem ter o acento marcado lexicalmente:

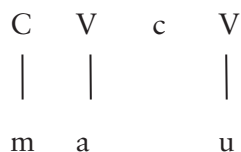
***Palavras proparoxítonas em CVCV (número ['numeru])***



**3. SEQUÊNCIAS VOCÁLICAS VOGAL + VOGAL ALTA.σ E VOGAL ALTA + VOGAL# E O ACENTO**

Voltemos ao comportamento das sequências vocálicas em relação ao acento. Uma palavra terminada por ditongo decrescente, em geral, recebe o acento final e os casos de paroxítonos terminados por este tipo de ditongos são raros (como por exemplo *pônei*, com redução possível a *pôni*). Dissemos que nos termos de CVCV, o acento previsível cai na penúltima posição vocálica. Então, se os ditongos decrescentes “atraem” o acento, é porque em realidade correspondem a dois CVs:

***Palavras contendo um ditongo decrescente final (mau ['maw])***



Trata-se, portanto, de um paroxítono fonológico. Palavras como *baú* devem receber o acento lexicalmente, já que o hiato é o caso menos frequente neste contexto.

A representação proposta para ditongos (em que o ditongo corresponde a duas unidades CV) condiz com a atribuição do acento em Português e sua sensibilidade ao peso silábico (sílabas fechadas por consoante ou contendo um ditongo final tendo o efeito de “atrair” o acento).

Vejam os casos de ditongos decrescentes não finais como em *aula*:

### **Palavras contendo um ditongo decrescente não final**

C	V	c	V	C	V
	a		u	l	a

Partindo do princípio que as semivogais são derivadas de vogais altas em Português, o que impede o acento de cair na penúltima posição vocálica, ou seja, na vogal alta? Se este fosse sempre o caso, teríamos um hiato, como em *saída* e *saúde*. O hiato é, entretanto, o caso marcado neste contexto. Os fonólogos que trataram desta questão apresentam diferentes soluções. Para obter um ditongo, Bisol deriva a semivogal por silabação antes da aplicação do acento. Já Mateus; D’Andrade (2000, p. 48) fazem menção a uma marca lexical que impediria a vogal alta de receber o acento:

[...] phonetic glides are high vowels underlyingly: they are underspecified, as all vowels, and get full specification in accordance with specific rules, complementary rules and default rules. Furthermore, high vowels that integrate falling diphthongs at the phonetic level cannot receive the stress, that is, they are marked in the lexical representation as not being able to be stressed – like non-stressable vowels in ante-penultimate stressed words (e.g. *dúvida* [dúvidə] ‘doubt’ or *árvore* [árviɾi] ‘tree’ whose penultimate vowel cannot be stressed and so it is underlyingly marked). Thus, if a high vowel is marked and if it is preceded by another vowel, it becomes a glide at the phonetic level and it is integrated in the syllable nucleus with the preceding vowel [...]. It is worth noting that high vowels which do not have a lexical mark can be stressed and are realized as vowels at the phonetic level, even though they are preceded by other vowels (e.g. *país* [pɐíʃ] ‘country’ or verb forms as *sair* [sɐíɾ] ‘to leave’ where [i] is the theme vowel).

Já que vogais altas não podem receber o acento nesse contexto em virtude desta marca lexical, o acento recai na vogal à esquerda (*áula*). Então, uma palavra

como *aula* é um proparoxítono fonológico, assim como *dúvida*. O inconveniente desta análise é que o padrão proparoxítono parece ser muito marcado em Português. Ora, há muitas palavras com ditongo, como *aula*, em Português e elas não são percebidas marcadas como *sábado* e *abóbora* ‘abobra’, simplificadas a ‘sabo’ e ‘abobra’ em alguns falares.

Se admitimos que *aula* e *cadeira* são proparoxítonos, aumentamos consideravelmente o número de palavras proparoxítonas na língua. Isto põe em dúvida o caráter marcado desse padrão. Isto já foi questionado por alguns autores. Araújo *et al.* (2007) apresentam argumentos contra a ideia de que se trata um padrão marginal em Português. Os autores apontam que a redução de proparoxítonos a paroxítonos, com apagamento de uma sílaba, como em *abóbora* ~ *abobra* não é um processo sistemático, pois está submetido a restrições e não atinge todos os proparoxítonos. Assim [a.'bõ.bra] com redução é possível, mas não \*[ˈmɛd.ku] *médico*. Segundo Araújo *et al.*, o apagamento da vogal postônica em Português resultaria em grupos de consoantes ilícitos em 62,7% de um total de 18.413 proparoxítonos levantados<sup>3</sup>. Para nós, este estudo mostra claramente que o suposto caráter excepcional das proparoxítonas deve ser questionado, pelo menos em alguns casos.

Parece-nos que a chave do problema está na diferenciação entre um nível fonológico e um nível fonético. O padrão proparoxítono seria marcado em alguns casos ao nível fonético, mas seria legítimo em outros, mesmo se não se trata do tipo acentual mais produtivo da língua.

Na análise de Mateus (1982 [1975]) e Mateus; D'Andrade (2000), há uma diferença clara entre acentuação fonológica e acentuação fonética. Assim, palavras paroxítonas no nível fonológico são classificadas como oxítonas a nível fonético, como a palavra *judeu* (exemplo dado em MATEUS, 1982 [1975]) e *carapau*, *ateneu*, *masoléu*, *fariseu*, *pigmeu* (exemplos retirados de MATEUS; D'ANDRADE, 2000).

O que parece menos natural nesta análise, segundo a qual os proparoxítonos fazem parte do sistema, mesmo que seja de forma menos produtiva, é marcar no léxico o caso mais frequente, com a realização do ditongo. Preferimos uma análise em que é o acento excepcional em palavras como *saúde*, com hiato, que deve ser marcado lexicalmente.

Esta interpretação parece mais natural igualmente quando levamos em consideração trabalhos como o de Simioni (2011). Para observar o comportamento das sequências vocálicas contendo uma vogal alta em relação ao acento, Simioni

---

<sup>3</sup> O levantamento não inclui palavras com sequência final de vogal alta + vogal.

realizou um teste em que era solicitado aos participantes que separassem as sílabas e sublinhassem a sílaba acentuada de palavras inventadas.

Em sequências de vogal + vogal alta não final como em *azeite* e *paraíso*, é a forma com ditongo que prevalece. Em sequências vocálicas finais envolvendo uma vogal alta, os resultados do seu teste indicam que o tipo não marcado é *polícia*, em relação a *padaria*. Como Hermans; Wetzels (2012) já apontaram, haveria uma restrição em Português impossibilitando que uma vogal alta seja acentuada se ela é imediatamente seguida de uma vogal em final de palavra.

No teste realizado por Simioni, as sequências vocálicas não finais e finais envolvendo uma vogal alta não eram o único contexto analisado. Meireles (2014a) realizou um teste mais específico com esses dois contextos (vogal + vogal alta.σ e vogal alta + vogal#) e verificou que os resultados de Simioni e a restrição indicada por Hermans; Wetzels se confirmavam em um teste centrado no comportamento dessas sequências.

Segundo essas considerações, os dois contextos envolvendo vogal alta escapam à regra que propomos segundo a qual o acento produtivo recai na penúltima posição vocálica preenchida. Ainda segundo nossa proposta, uma palavra com ditongo não final como *aula* torna-se um proparoxítono fonológico, assim como *história*.

De acordo com nossa análise, os proparoxítonos seriam então um tipo acentual legítimo em Português quando a penúltima posição vocálica aparece ocupada por uma vogal alta precedida ou seguida de outra vogal, caso em que o acento cai na vogal mais à esquerda da vogal alta (*aula* e *história*). Neste sentido, *aula* e *história* são formas menos marcadas porque elas obedecem a uma mesma restrição: haveria uma restrição em Português que impede uma vogal alta de receber o acento na penúltima posição vocálica *se houver outra vogal adjacente*. Neste único caso, o padrão proparoxítono é previsível. O acento dos outros proparoxítonos deve fazer parte da informação lexical da palavra, como todos os outros tipos acentuais marcados<sup>4</sup>.

Segundo o princípio de que o acento não marcado em Português cai na penúltima posição vocálica exceto se esta for ocupada por uma vogal alta seguida de outra vogal (\*V alta + V#) ou antecedida de outra vogal (\*V'V alta + {V, σ}), e considerando que os glides dos ditongos são derivados de vogal alta, pode-se reunir a acentuação de palavras como *aula* e *história* sob uma mesma descrição contextual.

---

<sup>4</sup> Há algumas formas proparoxítonas problemáticas para a teoria CVCV. Para não irmos além do objetivo fixado neste artigo, não incluímos o tratamento dessas formas neste trabalho. Para mais detalhes sobre o assunto, cf. Meireles (2014a, 2014b).



#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, em Português haveria uma restrição que impede o acento de cair automaticamente na penúltima posição vocálica se ela é ocupada por uma vogal alta seguida de outra vogal em posição final de palavra. Neste contexto, o acento cai na antepenúltima posição vocálica em geral, como em *história*. Esse tipo de proparoxítono fonológico é realizado quase categoricamente com um ditongo crescente, ou seja, tornando-se paroxítono (*histór[ja]*). Defendemos que a mesma restrição acentual atua sobre formas como *aula*, com uma melodia alta na penúltima posição vocálica, precedida de outra vogal. Neste caso, também o acento não marcado cai na antepenúltima posição vocálica e observa-se a formação de um ditongo ([aw]la).

Se consideramos que ditongos decrescentes como em *aula* correspondem a hiatos subjacentes, temos um proparoxítono fonológico assim como em *história*. A formação de ditongos decrescentes e crescentes em Português aparece então sob um novo prisma: trata-se de evitar um proparoxítono fonético assim como o hiato. A maneira como as sequências vocálicas envolvendo uma vogal alta nos contextos estudados se comportam em relação ao acento é explicável através de uma única generalização, o que mais econômico para a análise do Português.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Gabriel; VIARO, Mário; GUIMARÃES-FILHO, Zwinglio; OLIVEIRA, Leonardo. As proparoxítonas e o sistema acentual do Português. In: ARAÚJO, Gabriel (org.). *O acento em Português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, p. 37-60.
- BISOL, Leda. O acento e o pé métrico binário. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 22, p. 69-80, 1992.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 41. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008 [1970].
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do Português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008 [1985].
- HERMANS, Ben; WETZELS, Leo. Productive and unproductive stress patterns in Brazilian Portuguese. *Letras & Letras*, 28 (1), p. 77-114, jan./jun. 2012.
- LOWENSTAMM, Jean. CV as the only syllable type. In: DURAN, Jacques; LAKS, Bernard (orgs.). *Currents Trends in Phonology: Models and Methods*, CNRS, Paris X: ESRI, 2, p. 419-441, 1996.
- MATEUS, Maria Helena Mira. *Aspectos da Fonologia Portuguesa*. 2. ed. Lisboa: INIC, 1982 [1975].
- \_\_\_\_\_; D'ANDRADE, Ernesto. *The phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

MEIRELES, Vanessa. *Analyse phonologique et métrique des glides et diphtongues en portugais brésilien*. 2014. Tese (Doutorado), Université Paris 8, Paris, 2014a.

\_\_\_\_\_. O acento primário em Português: generalidades e proposta de análise. *Revista Diadorim – Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, v. 16, p. 16-32, dez. 2014b.

SCHEER, Tobias. A unified model of Proper Government. *The linguistic Review*, 15, p. 41-67, 1998.

\_\_\_\_\_. *A lateral theory of phonology*; v. 1: What is CVCV and why should it be? Berlin: M. de Gruyter, 2004.

\_\_\_\_\_. *Précis de structure syllabique*. ENS éditions, 2014.

SIMIONI, Taíse. *Uma análise dos vocóides altos em Português brasileiro: relações entre silabificação e atribuição do acento*. 2011. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2011.